

SOCIEDADE

Missionária nega-se a ensinar religião a índios

Ela é neta do marechal Rondon e vive numa tribo no interior do Mato Grosso há 23 anos

ROLDÃO ARRUDA

A freira Elizabeth Aracy Rondon Amarante, neta do marechal Cândido Mariano Rondon, o mais famoso sertanista e explorador brasileiro, abandonou a civilização há 23 anos. Foi viver na tribo dos índios *nyki*, constituída na época por duas dezenas de pessoas, remanescentes de vários massacres. Eles viviam isolados na mata, arredios aos brancos e com rudimentos da idade da pedra lascada, segundo recordações da freira, que está em São Paulo. Deixou temporariamente a tribo, hoje com 81 pessoas, para vir dar palestras a convite do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular.

Com 68 anos, modos elétricos e de uma magreza quase ascética, a irmã Elizabeth pertence à Congregação do Sagrado Coração, criada na França em 1800. Costuma usar camiseta, calça comprida de malha e adornos indígenas, como colares, brincos, anéis. Em entrevista ao **Estado**, contou que nunca tentou catequizar os índios: "Deus já está presente entre eles. Mais do que aqui."

Estado - Como estão os *nykis*?

Elizabeth Aracy Rondon Amarante

- Vivem numa área indígena demarcada, com 47 mil hectares, no noroeste do Mato Grosso. Plantam milho, batata, feijão, mandioca.

Estado - A senhora tem uma atividade específica?



Milton Michida/AE

Irmã Elizabeth, que conviveu com Rondon, acha que índios podem ensinar o branco a viver melhor

Elizabeth - Estudei filosofia e antes de ir para lá trabalhei em colégios de Belo Horizonte, Rio, Curitiba. Por causa dessa especialidade, minha tarefa na tribo tem sido ajudar a estabelecer a ortografia *nyki*, uma língua isolada, que eles falam perfeitamente, mas que não é escrita. Como as novas gerações também aprendem o português, essa é uma forma de evitar que a língua desapareça.

**FREIRA
 DEFENDE
 RESISTÊNCIA
 CULTURAL**

Estado - Fala *nyki*?

Elizabeth - É

a minha maior dificuldade. Falo com os velhos, que não usam o português, mas não sou fluente.

Estado - Ensina a sua religião a eles?

Elizabeth - Nunca. Procuo incentivar a religião que pos-

suem, pois tem uma força muito grande como fator de resistência cultural. Nos rituais religiosos, quando há oportunidade, partilho minha fé, mas apenas como diálogo religioso. A religiosidade deles é profunda, com espíritos bons e maus e a predominância de um grande espírito do bem. Falam com esses espíritos por meio de seus antepassados, os mortos.

Estado - Eles conhecem o presidente da República?

Elizabeth - Sim, mas não gostam dele, porque acham que não se esforçou para a regulamentação do Estatuto dos Povos Indígenas, previsto na Constituição. Na tribo já existem 27 eleitores.

Estado - A senhora não acha que a situação melhorou, como indica o crescimento da população indígena?

Elizabeth - A não aprovação do estatuto mostra que o go-

verno não assumiu a defesa das minorias, que está ligado aos interesses das empresas de mineração, hidrovias, latifúndios.

Estado - Tem lembranças de seu avô, o marechal?

Elizabeth - Convivi com ele até 1954, quando entrei para a vida religiosa. Lembro que contava histórias sobre os encontros com os povos indígenas, imitava sons de passarinhos, bichos. Mais de uma vez me levou para passear na sede do antigo Serviço de Proteção ao Índio, o SPI, no Rio. Lembro dele como uma pessoa amiga.

Estado - Até quando a senhora vai ficar com a tribo?

Elizabeth - Quero morrer entre eles.

Avô também criticava catequese

No livro de honra da Sociedade de Geografia de Nova York, há cinco nomes gravados em letras de ouro. São os grandes desbravadores da terra. O terceiro deles é um brasileiro, descendente de índios, nascido no Mato Grosso: o sertanista Cândido Mariano da Silva Rondon, apontado como o explorador que mais se aventajou em terras tropicais. Acima dele estão Roald Amundsen, norueguês, e Robert Peary, americano, conquistadores do Pólo Sul e do Pólo Norte, respectivamente.

Rondon, que viveu entre 1865 e 1958, foi uma unanimidade nacional e internacional. Nas duas primeiras décadas do século passado, ele estendeu 5.500 quilômetros de linhas telegráficas pelos sertões

até então inexplorados do Brasil. Nesse trabalho, encontrou-se com tribos indígenas que ainda não conheciam o homem branco, tornando-se seu protetor. Seu lema no sertão era: "Morrer, se necessário. Matar, nunca."

No Brasil, o dia das comunicações é comemorado na data de seu nascimento - 5 de maio. Como sertanista, divergia da Igreja, pois era contra a catequização - como faz uma de suas netas, a freira Elizabeth, filha de Clotilde Rondon Amarante e João Amarante. Para ela, nossa sociedade tem muitas coisas a aprender com os índios: "A principal delas é o valor que dão à partilha", diz. "Ainda não foram poluídos pelo individualismo neoliberal." (R.A.)